Biblioteca da FLUL

MENSAGEM

CIRCULAR

DOS SERVIÇOS DE CULTURA DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

N.º I 1948

J U L H O

.....

Enquanto não puder ser satisfeito o nosso desejo de publicar uma revista, uma verdadeira revista, perfeita na forma e no conteúdo, que leve ao Império a mensagem intelectual dos seus estudantes, resolveu a Direcção-Geral distribuir, por intermédio dos Serviços de Cultura, este Boletim que, em princípio, não é mais do que o relato quinzenal das actividades da Casa: — noticiário da Sede, avisos, convocatórias das Direcções das Secções, etc., formarão a matéria-prima do Boletim.

Mas ele é emitido à sombra dos Serviços de Cultura, que não podia deixar de pôr nele a sua marca. Por isso, e com a devida vénia ao Departamento de Informação, a quem compete a confecção da futura revista, o Boletim inserirá, também, resumos das palestras que se fizerem na Casa, esboços de crítica a essas palestras e, sempre que possível, produções literárias dos sócios, no intuito de estimular todos: quer revelando os novos valores, quer difundindo pela massa associativa os trabalhos dos já conhecidos.

A todas as desculpas que é uso pedir quando se apresenta à luz uma publicação nova, juntamos os pedidos de desculpa que exige o género especial desta publicação: defeitos do aspecto gráfico, dificuldades de regularizar a sua distribuição, etc., etc..

Uma revista feita por estudantes está sempre sujeita às contingências burocráticas de aulas e exames e pontos e chamadas, etc. etc., a que estão sujeitos os estudantes. Vós, que o sabeis, nos desculpareis tudo o que merecer desculpa.

É escusado dizer que contamos com a colaboração de todos (os trabalhos poderão ser entregues na Biblioteca, à empregada, todos os dias úteis, das 18,30 às 20 horas.)

"OS COLONIZADORES DO SÉCULO XX"

—Palestra de Alda Lara (Angola)

Quando a CEI enquadrou esta minha palestra numa festa que era por natureza dedicada aos novos, quero dizer, aos caloiros, eu pensei que, embora ela tivesse sido feita com fim bem diverso, talvez fosse desnecessário objectivá-la directamente aos mesmos. E pensei isto, simplesmente porque ela, versando sobre os colonizadores do Século XX, lhes dizia respeito também. Na realidade, colonizadores do Século XX, são, não só os que dormem já, serenamente, à sombra dos ciprestes africanos, ou os que tendo partido há anos atrás, novos e cheios de vida se têm visto envelhecer, nessas paragens longínquas, como ainda, e aqui é que eu queria chegar, os jovens que serão os colonizadores futuros, sejam eles presentemente caloiros, ou já veteranos!…

Aos primeiros, rendo o preito da minha saudade!… Aos últimos, concedo a afirmação sincera, da minha solidariedade e compreensão!…

Posto isto, passo directamente ao assunto em vista; é pois, dos colonos modernos, os precursores da nova

epopeia, que eu pretendo falar; e logicamente, começarei pelos mais antigos; pelos que sem serem levados por ideais patrióticos nem políticos, partiram, rumo a Angola, impelidos apenas pela necessidade de dinheiro, e nem por isso deixaram de ser tão colonizadores como os outros!…

…O Mito da África misteriosa desapareceu, e Vocês, sabem-no bem!… Verdadeiramente não há mais escaramuças!… Os combates contra os cafres e contra os mucubais terminaram!… Nem sequer há já setas envenenadas a espreitarem os que desembarcam. E se não fosse a selva, a selva imensa que a despeito do progresso ainda ocupa extensões de muitos milhares de quilómetros, o clima ardente, e os negros, muitos negros… poderíamos às vezes, ter a ilusão de que estávamos, algures, numa província portuguesa, e nunca na região dos trópicos! — Mas se tudo quanto fez dos primeiros colonos mártires e heróis, já não tem razão de ser, nem por isso a epopeia terminou!… Apenas passou, de antiga, a moderna. Tomou simplesmente outra configuração, outro aspecto. E se a primeira encheu páginas e páginas, a segunda é curta embora tenha o mesmo valor, e fosse erguida à custa dos mesmos sacrifícios, dos mesmos suores, e das mesmas lágrimas!…

Resume-se nisto:

"Há cerca de 60 anos, um punhado de homens da Metrópole, uns porque a sorte nos negócios lhes fora adversa, outros porque a terra, madrasta, não produzisse o necessário, resolveu emigrar. E entre o caminho fascinador do Brasil, e a África misteriosa, optam por esta. Na maior parte dos casos são pobres, ou pertencem à burguesia. Nunca são nobres!… É pois o dinheiro, a ânsia de fazer fortuna, ou simplesmente juntar o indispensável para passarem uma velhice descansada, o que move esses colonos modernos, os protagonistas da nova epopeia!… E os factos repetem-se: Eles não partem em frágeis caravelas incapazes de resistir aos temporais, mas embarcam nos navios cargueiros, e a viagem não é melhor! Passam os mesmos enjoos, as mesmas necessidades, sentem a mesma sensação de isolamento que acabrunhava os antigos. Chegados à colónia, não seguem em frágeis caravanas, deserto fora, mas partem em tipóias aos ombros dos pretos; e se não têm de se defender das ciladas

do indígena, têm que se precaver contra os roubos e as fugas do mesmo, pronto a desertar, desde que possa levar consigo a bagagem do branco!… E quando depois de todas estas peripécias eles conseguem chegar, sem novidade, à região para onde se dirigiam, lá os espera nova luta: a luta contra o clima, contra o sol, e contra o paludismo, que não mais os deixará! Mas os colonos resistem a tudo. Conseguem resistir sempre e, normalmente, sem entraves maiores, começam a trabalhar… E desde então, nunca mais, até ao fim, eles deixarão de o fazer. Hão-de trabalhar como loucos, anos seguidos, lado a lado com o indígena inculto, muitas vezes estúpido, quase sempre indolente! Hão-de lutar contra o sol, contra o clima, contra as febres!… Lutarão com os olhos postos num ideal, não o da Pátria, que não têm intelectualidade, nem visão suficiente para o entrever, mas naquele que é formado pela mãe velhinha aguardando o seu regresso, pelas irmãs solteiras a precisarem de auxílio, pelas noivas que ficaram sempre à espera. E foi pensando em tudo isto, e lutando anos seguidos, (anos que pareceram séculos), que os colonos venceram. E volvido tempo, comerciante, industrial, professor ou operário, o colono moderno triunfou!… Mais tarde então, constituiu família, e depois que isto se deu, parece que seria natural que ele deixasse correr a vida tranquilamente até que chegasse a velhice. Todavia, não sucedeu isso. Nem desistiu da luta, nem regressou à Metrópole; pelo contrário, intensificou essa luta. E isto deu-se, depois que viu nascer, nessa colónia longínqua que ele considerava já a sua verdadeira terra, porque o recebera de braços abertos, os seus filhos, essas pequenas parcelas do seu ser, por amor de quem ele havia de continuar a epopeia iniciada 20 anos antes. E então a vida do colono transformou-se!… Ele que passara anos seguidos na selva, hirsuto, sem se preocupar se haveria ou não um médico à sua beira, ele que durante anos seguidos não tocara numa revista literária, ele que jamais soubera o que era um cinema ou um teatro em África, ele, o velho colono moderno, mete-se a exigir escolas, liceus, parques infantis, dispensários e maternidades. Ele que não quisera nada para si a não ser o resultado profícuo de um trabalho exaustivo, exigia agora tudo para os seus filhos!… Ele

desejava dar aos que viessem depois dele, o que não havia tido!… Os caminhos tinham sido rasgados pelos antigos; ele os aplainara e enchera de árvores… Era justo que os vindouros gozassem a frescura e os frutos que essas árvores pudessem dar!…

Desta exigência nasce a cooperação do Governo, que começa a reparar nesse punhado de homens que tinham conseguido minar a selva para a transformar aos poucos nas casas comerciais, nas pescarias, nos postos médicos, nas fazendas e nas oficinas!… Vê o avanço galvanizador dessa gente; repara na luta; e decide ajudá-la. Compreende enfim a força hercúlea dessa colónia jovem e transbordante de energia, 14 vezes maior que Portugal continental. E nos últimos 20 anos, sob o impulso desse governo e à custa do progresso resultante da luta anterior, tudo quanto os colonos foram exigindo, foi aparecendo!… Apareceram os cinemas, as escolas, os liceus, os hospitais, os dispensários, as associações recreativas e até algumas Bibliotecas e Museus!…

A verdade, porém, é que se muito se fez, muito há ainda para fazer; e não devemos esquecer nunca, que se o branco goza já de uma relativa prosperidade intelectual e social, o mesmo se podendo dizer da maior parte dos mestiços, o negro continua bastante atrasado, no que diz respeito a higiene e instrução. Ninguém que já tenha estado em África ignora, na realidade, que vivem centenas de indígenas espalhados pela selva angolana, num estado de civilização absolutamente primitivo, e junto dos quais, a única assistência que chega, é a que é levada pelas caravanas das missões. Estas, na realidade, quer se trate das católicas portuguesas, quer das protestantes, têm realizado uma acção importantíssima, sob o ponto de vista apostólico e social. E julgo mesmo poder afirmar que é religiosamente que o indígena angolano se encontra mais adiantado, quer tenha enveredado pelo caminho do protes-tantismo, quer pelo do catolicismo!……"

…Posta a questão neste pé, ou seja, chegados à Angola dos nossos dias, progressista e razoavelmente culta, onde a par das estradas asfaltadas, se encontram caminhos ainda quase intransitáveis, e por trás das moradias, estilo

ultramoderno, se divisam os contornos das "sanzalas", formadas por fileiras intermináveis de cubatas onde os indígenas vivem; numa palavra, chegados à Angola século-vintesco, onde a cultura e civilização dos colonos superiores esbarra ainda a cada passo com a falta de instrução e educação dos nativos, mas que no entanto se manifesta em franco progresso, a caminho de um futuro melhor, poderemos dizer que a epopeia iniciada há quase 60 anos, não terminou ainda!… Pelo contrário!… É agora que ela entra no seu período mais decisivo. E assim, os velhos colonizadores, longe de verem diminuídas as suas forças, sentem-nas remoçadas, porque o seu esforço será continuado pelos novos!…

Na realidade, nós somos os colonizadores do século XX, assim como os nossos pais o foram, erguendo casas, constituindo família, fomentando indústrias, e embora em seu proveito, sacrificando muitos anos da sua vida, por uma causa que iria provocar o desenvolvimento da Colónia!… Apesar de atraídos pela visão do dinheiro, eles foram verdadeiros colonizadores, e não tiveram menos valor que Capelo e Ivens, embora o seu Ideal fosse menos altruísta, mas incontestavelmente mais humano. Na verdade, eles podiam ter desertado quando o isolamento era maior, e mesmo desprezando a fortuna, ter abandonado Angola; mas ficaram! Podiam depois de já terem vencido regressar à Metrópole, e levar consigo o dinheiro que a terra lhes dera a ganhar, sem nada fazer em seu proveito; mas ficaram ainda! Ficaram para pagar a sua dívida de gratidão. Ficaram para que os seus filhos fossem angolanos, para que o seu dinheiro erguesse casas, fábricas e cinemas. Ficaram e nunca mais a hão-de abandonar! Aí está o seu valor. Valor que ninguém lhes tirará!

Eles foram colonizadores, e nós sê-lo-emos também; porque não é em vão que todos os anos, dezenas de estudantes das colónias, se espalham pelas Faculdades da Metrópole. Todos eles trazem um ideal consigo; ideal que os fará voltar um dia, para vencerem a selva com os bisturis e os livros, como outrora os antigos a venceram com as enxadas e as redes de pesca. Médicos, professores, engenheiros… nós saberemos ser, tanto quanto eles souberam ser comerciantes e industriais, os verdadeiros colonizadores do século XX!…

*

E agora que já relatei o melhor que me foi possível a história dos colonos modernos mais velhos, passarei à segunda parte da minha palestra, ou seja, àquela que diz respeito aos novos; aos colonizadores futuros; e onde se encontra afinal o verdadeiro objectivo desta palestra. Verdadeiramente, o fim dela é lembrar-vos, até que ponto nós estamos obrigados a cumprir o ideal de que falei anteriormente. Ideal que nos fará voltar um dia a Angola, ricos ou pobres, casados ou solteiros, desiludidos ou confiantes mas que nos fará Voltar sempre!

Eu sei que não é fácil de cumprir!… Sou mesmo levada a dizer que "bem prega Frei Tomás"… No entanto, nem por isso deixo de ter consciência absoluta dele!…

Na realidade, todos nós ao partir fizemos de Angola um farol, e do regresso um ideal. E no início da nossa estadia aqui, sentimo-nos sinceramente capazes de o cumprir, sem a menor dificuldade; a nossa paixão pela terra deixada há pouco, ergue-se ainda, em labaredas altas; mas à medida que o tempo passa, o nosso entusiasmo, se bem que não desapareça, perde muito da sua intensidade. Nós começamos a comparar, e a comparação não é de maneira nenhuma favorável para Angola. De um lado está a Metrópole, o meio intelectual por excelência; do outro lado a colónia tímida, quase envergonhada da sua insignificância literária, onde os talentos se limitam aos esboços jornalísticos, e a literatura de valor é rara. De um lado estão os cinemas bons, os teatros, as conferências pelos escritores mais reputados e conhecidos, os concertos pelos melhores artistas do mundo, tudo enfim, quanto imprime à vida de um indivíduo um pouco de beleza e arte; do outro lado estão os desafios de football, alguns cinemas razoáveis, as esplanadas, bailaricos nas associações!… e pouco mais! A música, limita-se a visitar-nos pela rádio, e apenas os livros constituem um baluarte de defesa à intelectualidade, seguro e permanente. Naturalmente isto não é prometedor!… E aos poucos, quase sem darmos por isso, o nosso *desejo* sentimental de voltar, vai-se transformando em *necessidade* de Voltar!… O *desejo* passa a dever!… Nós temos o dever de

Voltar!… Posto isto, é claro que não é fácil o cumprimento desse dever; todavia, vem em nosso auxílio a nostalgia que nunca nos abandona, essa mórbida paixão pela terra angolana; e as recordações das cenas passadas, ligadas intimamente a cada paisagem, cada casa, cada rua de Angola!… O Colégio… O Internato… a Restinga… a Ilha… são pequenas coisas que constituem por si só, um poema de saudade!… E isso, torna-nos mais fácil o regresso. Bem vai portanto o caso enquanto o encararmos unicamente sob este ponto de vista. O difícil da questão, porém, começa quando se metem de permeio as questões sentimentais! Mas ainda neste caso o remédio está nas nossas mãos. Realmente, este consiste, e note-se que me dirijo principalmente aos rapazes, em contagiar ao fogo do vosso entusiasmo, não só os amigos, não só os colegas, como ainda, principalmente, as vossas noivas quando as tiverdes! Na verdade, quando os rapazes de Angola resolvem casar com uma rapariga de Angola, que naturalmente partilhará também dos seus ideais, o caso liquida-se por si; mas quando eles casam com raparigas metropolitanas ou de outras colónias, surge o problema; e o problema nem sempre é de fácil solução!… É neste caso que a consciência angolana de cada um deve estar alerta, para que se não deixe levar, mas, antes, arraste consigo uma segunda consciência.

É natural, que alguém pergunte a razão porque as raparigas angolanas, em idênticas circunstâncias, não agem da mesma forma em relação aos noivos metropolitanos, ou de outras colónias. A verdade, porém, é que em casos de domínio, alguém tem de ser o dominado, e as raparigas neste caso são quem se submete. Por isso mesmo vocês, os rapazes, estão mais obrigados do que elas a atender a isto porquanto o papel das raparigas embora seja importante não é primordial, como o vosso! Ora, uma vez que as angolanas, muitas vezes se hão-de ver afastadas do caminho que as conduziria à Colónia, resta-nos voltar os olhos para as outras raparigas que irão tomar o lugar destas; porque irão ser colonizadoras também, lado a lado convosco. E essas, são as de que falei há pouco! Aquelas que hão-de partir com vocês um dia, esquecendo tudo o que ficou para trás para aprenderem a amar, por amor de vós, a nossa terra distante!… Com respeito a elas, não as deveis iludir, nem desiludir.

Pintem-lhes o quadro como é realmente! Digam-lhes que lá nessa Angola longínqua, não há só as caçadas audaciosas que se inventam, nas discursatas ?????????????????????????????? que não há Baixa nem Rossio, nem casas de chá, e que as modas chegam lá tão diluídas que quase se lhes não presta atenção. Mas digam-lhes também que há uma civilização nova a construir, e na qual elas irão ter um papel importantíssimo! Médicas, professoras, missionárias, ou simplesmente mulheres dos colonos, Angola espera-as!… Mais do que isso, conta com elas!… Serão as principais educadoras dos filhos que por sua vez hão-de formar os alicerces da sociedade angolana futura. Serão as auxiliares mais poderosas na campanha em prol do indígena, porquanto é em contacto com elas que os criados negros hão-de absorver uma civilização maior para a transmitirem depois aos outros. Hão-de ser vossas companheiras em toda a acepção da palavra, porque além de femininamente lisboetas como vocês as escolheram, terão que ser intelectuais e artistas para suprir junto de vós o que o meio não consegue por enquanto dar-vos. Vede pois, se Angola pode menosprezar o auxílio destas raparigas, deixando que os rapazes por cá casem, e por cá fiquem!… De resto, devemos concordar que isso não é leal.

Quem, se não nós, há-de voltar?… Teremos que continuar a ver partir, os que não vêem em Angola mais do que um campo de exploração?… Parece-nos ilógico. Nós não precisamos só de gente. Queremos "gente nossa"!… Queremos professores, advogados, intelectuais e artistas, que a par dos comerciantes e industriais, possam formar a escol da civilização africana, para que os nossos filhos não tenham que vir buscar à Metrópole distante, à custa, sabe Deus, de que sacrifícios, a intelectualidade e a instrução que não encontraram na terra onde nasceram!…

Regressemos, pois!… É necessário que compreendamos, e principalmente façamos compreender a segundos, quão importante é o desenvolvimento de Angola, numa época em que os olhos apaixonados da velha Europa se dirigem sem cessar para o continente africano. É indispensável entendermos até que ponto podemos servir Portugal, se soubermos partir desinteressadamente, lado a lado, e estreitar com mais força

os laços que unem a Metrópole à grande colónia; indispensável lembrarmo-nos sempre que qualquer de nós, pode, e deve ter, um dia um lugar na história da colonização moderna.

O MOVIMENTO FEMINISTA NA ÍNDIA CONTEMPORÂNEA

Pelo Dr. Ricardo Fernandes

Se no Ocidente, a Mulher, impelida por necessidades económicas ou por simples aspiração social, tem saído para a ribalta da vida pública, colaborando com o Homem nos serviços colectivos e no levantamento da sociedade, o mesmo tem sucedido no Oriente, onde a posição da mulher acusa nítida evolução, embora mais dificultada e lenta. Há que vencer, aqui, preconceitos profundamente enraizados em crenças, tradições e costumes multisseculares, sendo por isso mais árdua a luta.

É clássico o quadro da mulher indiana: formosa e frágil, trajando um sari que envolve a sua cabeça de bronze delicado, descendo até os calcanhares nus, ela vive uma vida estreita, modesta e apagada, toda entretida nos arranjos domésticos e no cuidar dos filhos. Quem leu "O lar e o mundo" de Rabindranath Tagere, topou no romance uma frase do Bimala, esposa de Nikil, que caracteriza bem o ideal da mulher indiana segundo o espírito tradicional: "Sei pelos livros que nos chamam pássaros engaiolados. Não posso falar pelas outras; quanto a mim, possuía tantas coisas na minha gaiola que ela me parecia maior que o universo".

Sim, mas o mundo feminino, na Índia, necessitava de ambientes mais largos e de uma vida mais humana. O Oriente estremeceu em contacto com o Ocidente, e os seus povos acordaram para a luta e para a solução de muitos problemas

que lhe diziam respeito. A agitação nacionalista chefiada por esse magno apóstolo que foi Mahatma Gandhi, há dias assassinado por balas adversárias (o que avultou ainda mais a grandeza do seu espírito), veio estimular o movimento feminista nascido na Índia, tendente a melhorar a situação da mulher indiana. Dirigem essa corrente, senhoras ilustres do país, em cuja história não faltam nomes consagrados — Arundhati, da era vódica, e Auvvai, da Idade Média, que se distinguiram na filosofia; Mira Bai, poetisa mística de renome; e Lilavati, matemática ilustre, cuja obra ainda hoje se compulsa nas escolas da Índia.

Observemos o panorama geral da actividade feminista a que nos referimos. ([1]):

Na província de Bengala, Lady Bese fundou uma Casa de Protecção das Viúvas, multiplicando-se o número de institutos similares em Lahere, Madrasta, Benares e outras cidades. A Federação Universitária (constituída por indianas diplomadas), tem por objectivo amparar os passos de mulheres instruídas nas esferas cívica, académica e legislativa.

Em 1925, surge outra entidade, o Conselho Nacional das Mulheres Indianas, com o fim de agregar os conselhos provinciais de mulheres numa organização mais vasta e mais sólida.

Entre todas as associações, distingue-se pelo seu valor representativo, a Conferência Feminina Pan-Indiana — que vive em contacto com os movimentos feministas de todo o mundo.

Bombaim e Madrasta são as duas grandes cidades onde se encontram as dirigentes mais entusiastas do movimento: Ladi Tata, Dr.ª Muthulaksmi Reddi, Mrs. Ammu Swaminadhan, Lady Nilakanth e Mrs. Sharda Methe.

Para aliviar a situação verdadeiramente dramática das viúvas hindus, condenadas ao ostracismo, Pandita Ramabai fundou uma associação que se faz representar em quaisquer reuniões ou congressos nacionais importantes.

As "leaders" mais notáveis de outros países são por ela convidadas a visitar a Índia. Entre estas conta-se a

---

([1]) Vid. "My Índia, my West" de Krishnalal Shridarani.

célebre visita da americana Margaret Sangor que, auxiliada pela Conferência e outros grupos similares, conseguiu espalhar por toda a Índia, em menos de seis meses, mais de quarenta clínicas especialmente destinadas a assistir aos nascimentos, velando pela saúde da parturiente e da criança.

A Conferência Pan-Indiana feminina abrange, no seu programa, reformas sociais e medidas de educação, auxiliando financeiramente os particulares e as instituições que prosseguem idênticos objectivos, entre os quais se contam: o ensino primário e secundário das raparigas; inauguração de escolas estagiárias para professoras; publicações de textos cuidadosamente elaborados para finalidades educativas; abolição do casamento infantil; abolição do purdah (véu que cobre parte do rosto); luta por direitos iguais de sucessão; perseguição da poligamia; e muitas outras reformas sociais.

Alguns triunfos tem obtido esta grandiosa organização, actuando com tal força que a sua actividade já tem dado lugar a medidas legislativas de alto benefício social.

Eis delineada a história do movimento feminista que na Índia vai cumprindo um programa de saneamento, educação e ascensão social.

Adquirida agora a autonomia política, mais importante é o seu papel na construção da Índia nova, e mais eficiente, talvez, a sua actuação.

EXORTAÇÃO

Ah! Angola, Angola, os teus filhos, escravos
nas galeras correram as rotas do mundo…
Sangrentos os pés, os pés por pedregosos trilhos
vinham do sertão, lá do sertão, lá bem do fundo
vergados ao peso ao peso das cargas enormes.
Chegavam às praias, às praias argênteas
que se dão ao sol, ao abraço do mar…
E que longa noite se perde na longa distância!
As cargas enormes

os corpos disformes,
na praia, a febre, a sede, a morte, a ânsia
de ali descansar.

Ai! as galeras, as galeras!
Espreitam o seu sono tão pesado
prostrado dum torpor em que mal te arqueias…
Depois, apenas pestanejam as estrelas
o suplício e arrastar dessas cadeias.

Escravo! Escravo!
O mar irado, a morte, a fome,
a vida, a terra, o lar, tudo distante…
De tão distante tudo tão presente, presente
como na floresta à noite ao longe o brilho
duma fogueira acesa, acesa no teu corpo
que de tão sentido, já não sente.

A América é bem teu filho
arrancado à força do teu ventre.

Depois outros destinos dos homens, outros rumos.
Angola, és a sede da conquista.
Hoje, no entrechoque das civilizações antigas
essa figura primitiva se levanta
simples e altiva.
O seu cântico vem de longe e canta
ausências tristes de gerações passadas e cativas.
E onde vão seus rumos? E onde vão seus passos?
Ah! vem, vem, numa força hercúlea
gritar para os espaços
como dardos de sol, ao sol da vida
no vigor que em ti próprio reverberas:
— Não sou cativo!
A minha alma é livre, é livre enfim!
Liberto, liberto, vivo…
…Mas porque esperas?
Ah! Mata, mata no teu sangue
o presságio da sombra das galeras!…

Alexandre Dáskalos

CANÇÃO DE EMBALAR MENINOS PRETOS

Poema de António Neto

"Para ser cantado por um macio coro de anjinhos com um fundo de música de violino e órgão litúrgico, muito suave. Às vezes ouve-se um soluço, mas isso não é da partitura…"

O negro já não é fera
Nem curiosidade de feira…
O negro já não assusta,
Nem diverte
As grandes crianças brancas…
(Pelo menos de pele branca…)
O negro hoje é bom,
E é sério,
Não ri…
O negro, hoje, trabalha,
Calado e certo como uma máquina…
Sai à pesca do atum
E às vezes morre no mar…
(E é uma maçada,
Porque os contratados são poucos…)
E corta o céu de lado a lado com a enxada…
E às vezes leva pancada…

MEIO DIA EM LUANDA

Por Jorge Pinto Furtado

Nem a folha agita
E verde folhagem,

Nem corre uma aragem,
Ramo não palpita;
Nem a nuvem fresca
Que os ares refresca
Já se vê no céu;
Fio sussurrante
Dum regato errante
Aqui não correu;
Não se vê do mar
A brisa fagueira
Não se vê ligeira
Ai não se vê soprar;
Nem o viandante
cansado, sedento
Nem por um instante
Nem por um momento
Divisa seguro,
Cristalino, puro,
Um manancial!

.....

— Vê — Só seu mal! —
— Vê um sol tão forte,
Tão grande, tão quente
(Quase queima a gente
Este sol de morte!)
Árvores vergadas
Até quase ao chão;
Folhas desprendidas
Que caindo vão;
E, amareladas,
Velhas ressequidas
Mulembas despidas
Não dão sombra, não!
Casacos na mão
Os homens passando
— Fogem abandonando
— Que um calor assim
Queima tudo, enfim!

Luanda, 1943

C H I Q U I N H O

Fragmento do romance Caboverdeano, com este título, de Baltazar Neto editado em S. Vicente de Cabo Verde, por "Edições Claridade".

*

…O luar está vestindo a Ribeira Bote de branco. Nunca ela esperou ver as suas casas caiadas com um branco tão bonito. Há vozes nas portas-da-rua. A miséria deixou-se vencer pela riqueza de prata que cai do céu.

Os garotos, sentados na rua, pensam que Dina Lua é que está mandando tanta riqueza.

— Quero um saco cheio para comprar toda qualidade de coisas…

Eu quero toda qualidade de coisas, mas também dou aos pobres…

— Já não tem pobre, rapaz…

— Uá! Tem pobre muito bem…

Passa uma estrela cadente.

— Cavalinho de Nossenhor está correndo no céu…

— Nossenhor não anda a cavalo, rapaz. Ele tem automóveis como areia…

— E quem é o chauffeur de Nossenhor?

Chegam até nós os sons de violão e clarinete de um batifundo. A casa fica no alto de uma subida. A luz de petróleo projecta fora sombras de gente dançando.

O luar vence o clarão da luz eléctrica que vem da cidade. Néné continua resmungando motivos de uma morna nova. Vamos divagando sem rumo por entre os casebres de madeira. Andrézinho anda à cata de apontamentos para o seu "inquérito nocturno". Depois serão os outros bairros populares, Monte Sossego, Craca, Alto de Selarine, que receberão a nossa visita.

Parámos junto de uma casa de lata e madeira. No terreiro em frente estão conversando um velho, uma velha, uma vendedeira de Pelourinho e um bumboatman. O velho não

está a fumar. Não há recurso para a comida quanto mais para o fumo. Lá dizia o antigo que Pobreza é mãe da Virtude.

A vendedeira de Pelourinho:

—Nunca vi esta terra assim, velho.

—É de-veras. A criatura, durante o dia, olha para diante, olha para trás, e só vê a consolança da graça de Deus."

REGRESSO

de Alda Lara

Quando eu voltar,
que se alongue sobre o mar,
o meu encanto ao Criador…,
porque me deu vida e amor,
para voltar…
…Voltar…
Ver de novo baloiçar
a fronde majestosa das palmeiras,
que as derradeiras
horas do dia
circundam de magia!…
…Regressar…
Poder de novo respirar,
(ó minha terra)
aquele odor escaldante
que o húmus vivificante
de teu solo, encerra!…
…Embriagar…
Uma vez mais, o olhar,
numa alegria selvagem,
com o tom gritante da tua paisagem,
que o sol, a dardejar calor,
transforma num inferno de cor!…
……

Não mais o pregão das varinas,
nem o ar monótono, igual,
do casario plano!…
Hei-se ver outra vez as casuarinas
a debruar o oceano!…
Não mais o agitar fremente
de uma cidade em convulsão
Não mais esta visão,
nem o crepitar mordente
destes ruídos…
Os meus sentidos
anseiam pela paz das noites tropicais,
em que o ar parece mudo,
e o silêncio envolve tudo…
Tenho sede…
Sede dos crepúsculos africanos,
todos os anos iguais,
e sempre belos, de tons quase irreais…
Tenho saudade…
Saudade do horizonte sem barreiras,
das calemas traiçoeiras,
das cheias alucinadas!…
Saudade das batucadas,
que eu nunca via,
mas pressentia,
em cada hora,
soando pelos longes,
noite fora…
……
Sim, eu hei-de voltar,
tenho de voltar…,
Não há nada que me impeça!…
Com que prazer
hei-de esquecer
toda esta luta insana…,
que em frente,
está a terra angolana,
a prometer o mundo a quem regressa!…

Oh! quando eu voltar!…
Hão-de as acácias, rubras,

a sangrar,
numa verbena sem fim,
rir só para mim…
Sol esplendoroso e quente,
Sol ardente,
de gritar,
apoteose do poente
Meu prazer sem lei…
Minha alegria enorme de poder,
Enfim dizer,
…Voltei!…

ACTIVIDADES DA CEI

pelo Engenheiro Arnaldo Figueira
Presidente da Direcção-Geral da CEI

Ao sair o primeiro número do nosso Boletim informativo, não poderia deixar de fazer umas referências ainda que breves às nossas actividades. Procurarei aqui dar uma ideia do que elas têm sido, e alguma coisa que se pensa ainda fazer no decorrer da nossa gerência. É claro que não vamos dizer taxativamente "faremos isto ou faremos aquilo", dada a interdependência entre muitas dessas realizações e outras que não estão de nós dependentes.

Podemos dizer que as actividades da CEI se verificam no Campo Cultural, assistência financeira, médica e de desportos, que por sua vez estão subdivididos em secções.

Como disse, darei apenas indicações gerais.

O aspecto cultural, bastante delicado como se pode compreender, sobretudo em estudantes e portanto de mentalidades em formação, tem merecido a nossa máxima atenção, se bem que o que neste campo se tem feito, seja, de forma alguma, de molde a dar-nos por satisfeitos. É pouco, ainda há muito para fazer, mas temos de reparar que o muito ou

pouco estão condicionados pelas disponibilidades existentes.

Ao elaborarmos o nosso orçamento, procurámos desviar para os serviços de cultura o mais que podíamos, dentro da pouca elasticidade que ele nos oferecia, porque tínhamos de atender às necessidades dos outros departamentos. Quando as disponibilidades não são grandes, a repartição torna-se sempre difícil.

No campo cultural, pois, há a considerar a existência duma biblioteca a qual temos procurado enriquecer de exemplares, afim de que os associados possam ali encontrar material que lhes seja útil.

Compõe-se actualmente esta Biblioteca, de cerca de três mil livros, uma relação das quais será enviada, em breve, a cada sócio.

Regularmente, todos os domingos, realizam-se na Sede palestras, subordinadas a temas vários, sobretudo coloniais, no fim das quais há debates entre os associados, sobre o assunto que versam. Exceptua-se o último domingo de cada mês, em que há confraternização recreativa. Actualmente, dado o facto de nos encontrarmos em época de exames, tal regularidade foi interrompida.

É nosso desejo tornar estas palestras o mais documentadas possível, e procurar que se exibam documentários culturais e desportivos, sempre de grande êxito pela leveza e agrado com que são ministrados diversos conhecimentos.

Um piano adquirido há poucos dias, irá abrilhantar as nossas sessões culturais e estudaremos, também, a possibilidade de o colocar à disposição dos sócios que queiram aprender a tocar. Ainda nos Serviços de Cultura, duas subdivisões se têm procurado desenvolver: o xadrez e o Serviço Informativo.

Quanto ao primeiro, regista-se a realização dum Campeonato ao qual concorreram para cima de vinte sócios, distribuídos por duas categorias e que despertou grande entusiasmo. Procura-se alargar o seu âmbito, e efectuar encontros com grupos doutras modalidades. Quanto ao Serviço Informativo, devido à aquisição dum copiador, vamos procurar manter os sócios ao corrente de todas as nossas actividades por meio deste Boletim mensal. Procuraremos ainda, no que

diz respeito ao duplicador, atender aos desejos de muitos sócios, permitindo-lhes que dele se utilizem dentro de certas normas a elaborar.

No capítulo da assistência, temos a distinguir a assistência médica da financeira, a segunda das quais realizada por meio de bolsas, pensões ou empréstimos cedidos pelas Secções. Quanto à primeira, acha-se instalada na nossa Sede um Posto Clínico, devidamente apetrechado e onde vem um médico três vezes por semana dar consulta. Esse médico é assistido por diversos estudantes de medicina, sócios da Casa, e que com ele queiram colaborar. Mais adiante, vem um artigo do Director dos Serviços de Assistência, o qual me dispensa de pormenores.

Finalmente, o desporto tem tomado grande incremento nestes últimos tempos, estando a interessar vivamente o torneio de futebol, organizado pelo Ateneu Comercial de Lisboa e Club Internacional de Futebol em que participa uma equipa da CEI, que tem alcançado brilhantes resultados.

Também de notar o Campeonato de Ping-Pong, que se dividiu em três séries, uma das quais destinada a Senhoras.

Pretendemos também, que em Volleyball, Basketball e outras modalidades se organizem da mesma forma equipas da CEI, afim de participarem em torneios similares.

A existência do Posto Clínico e médico, permitir-nos-á que o desporto seja feito sob a vigilância daquele, mediante inspecções periódicas.

Muitas das dificuldades que até agora temos tido esperamos que se venham a resolver logo que tenhamos o "nosso" Lar dos Estudantes do Império, desejo nosso e que Sua Exa. o Ministro das Colónias propõe tornar realidade o que desejamos se torne o mais breve possível.

Findando, lembro a todos os sócios que cada vez se torna mais preciosa a sua colaboração à CEI, e que sem ela não se poderá continuar a concretizar, o que até aqui pouco mais tem sido do que simples desejo.

Lisboa, 3 de Julho de 1948.

SERVIÇOS DE CULTURA

NOTICIÁRIO

Comentários

A última sessão cultural realizada na Casa, foi promovida pela Secção de Angola, como parte da sua festa anual da recepção aos novos.

Pelo seu carácter especial, agradou muito à numerosa assistência (mais uma vez se tornou patente a exiguidade do salão nobre da CEI).

A sessão começou com uma palestra de Alda Lara, uma jovem angolana de prometedor talento literário, que no decorrer da tarde se ia revelar uma inteligência multiforme, tocando piano e dizendo muito bem, poesias suas e de Alexandre Dáskalos, outro colega nosso de Angola.

Publicámos antes essa palestra, e desde já felicitamos Alda Lara pelo trabalho que apresentou, e que passamos a comentar.

O papel de crítico só é fácil quando a obra a criticar está cheia de defeitos, ou então quando ela é perfeita.

Mas quando, além de se não verificar nenhum destes casos extremos, o crítico é amigo pessoal do autor, então o fazer uma apreciação que seja considerada justa toma proporções, pela dificuldade de trabalho de Hércules. Porque, então, os louvores são tidos como louvaminhas pessoais, pelos estranhos, e a indicação dos defeitos corre o risco de ser mal aceite pelo criticado.

Esperamos que Alda Lara acredite na absoluta sinceridade da nossa crítica, e nos desculpe o apontar dos senãos que encontrámos no seu trabalho, considerando que lhos indicamos apenas com o desejo de que ela corrija, para que a sua obra futura valha o que merece valer.

Alda Lara focou perfeitamente, embora por alto, as determinantes espirituais (aliás as determinantes materiais...) da colonização moderna de Angola.

Os homens foram para lá porque a Metrópole lhes negava razoáveis meios de subsistência material.

Nada de querer dourar com falsas roupagens idealistas esses indivíduos: muito de ambição, algo de inadaptação e na sociedade mesquinha e quase corrupta, um pouco de espírito de aventura e aí temos um emigrante das Áfricas.

Simplesmente, honestamente, humanamente, esses homens iam procurar viver, um pouco mais sãmente.

Para "dilatar a Fé" lá estavam os missionários; para "dilatar o Império" lá estavam os militares. Esses sim, que iam levados por convicções ou ordens estranhas (de Roma ou do Ministério da Marinha...) Os outros, os verdadeiros colonos, os que, desamparados iam trabalhar a terra, cortar madeira, extrair fibras, cultivar oleaginosas, esses, apenas desenvolveram o comércio e a indústria; mas eles é que desenvolveram a colónia, porque eles é que a fizeram produzir riqueza, eles é que a fizeram viver. E esses iam movidos apenas pela grande lei universal da busca dos meios de vida...

Alda Lara viu aqui bem o problema, com um equilíbrio notável.

Aliás esta justeza de visão mantém-se ao longo de quase todo o trabalho, descendo mesmo à observação miúda da importância do ensino que as donas de casa dão aos seus criados (um homem seria incapaz de se lembrar disto; parabéns Alda Lara...). A feminilidade da autora está, por outro lado, patente, também, no tom vagamente sentimental, (íamos a dizer meigo) que domina a palestra.

O grande mérito do trabalho de Alda Lara está, como dissemos, na clareza e firmeza com que reconheceu os motivos que impulsionaram, no primeiro quartel do século XX, essas centenas de homens para Angola. Habituados a ouvir propagandear a todos os ventos da fama, expressões como "mística do Império", "Fé da Colonização", "embaixadas de cultura e crença" desde as titubeantes, interesseiras e aventureiras expedições do Infante, até aos nossos dias, através das seráficas explorações místico-comerciais da pimenta da Índia, do ouro e diamantes do Brasil, do marfim e dos negros da Costa de África... é bom verificar que um espírito jovem como o de Alda Lara sabe ver as coisas com lucidez.

Alda Lara domina muito bem a prosa. Isso não é novidade para ela, nem para quem já a sabe velha (salvo seja) colaboradora dos jornais de Benguela.

No entanto, sofre às vezes de certas fraquezas (bem pequenas e raras, aliás), plenamente explicáveis pela pressa com que a palestra foi feita, e que Alda Lara corrigirá com toda a facilidade, dadas as suas faculdades de autocrítica (o bom artista é sempre bom esteta).

Não percebemos bem, por exemplo, parte do primeiro período: "…embora ela tivesse sido feita com fim bem diverso, talvez fosse desnecessário objectivá-la directamente aos mesmos…"

O espírito daquele *embora* colide, parece-nos, com o *desnecessário* que se segue.

A uma pessoa jovem é difícil dominar a tendência para uma exuberância de adjectivação que facilmente se torna maçadora. Alda Lara consegue, felizmente, fugir quase sempre a essa pecha.

À parte estes quase insignificantes senãos, e um certo exagero de optimismo na descrição da actual vida de Angola (Alda Lara fala em "estradas asfaltadas", quando o que lá há são algumas ruas asfaltadas, em duas ou três cidades…), o trabalho de Alda Lara mereceu-nos grande apreço, e juntamos os nossos aplausos aos dos que tiveram o prazer de a escutar.

*

A seguir à palestra, e depois de Ângelo Dias ter feito um resumo da actividade da Direcção da Secção de Angola até à data da festa, fez-se um acto de variedades (não no sentido que a expressão "acto de variedades" tem na Emissora Nacional, claro…).

*

Tocaram-se várias peças de piano, entre as quais umas composições de Emílio Leite Velho, um angolano estudante de Veterinária.

Temos pena de que a nossa cultura musical nos não permita apreciar tecnicamente a música de E. Leite Velho, mas cremos que ele mereceria, mesmo a uma crítica exigente, palavras de louvor.

Publicamos alguns comentários, dum dos assistentes, a essas duas composições, mas não queremos deixar de dizer publicamente o que já em particular dissemos ao E. Leite Velho: ele tem um verdadeiro talento musical, que merece o melhor desenvolvimento. Oxalá que a vida o não sufoque ao peso das "bactereologias", "patologias" e mais complicadas "ias" a que o estudo da Veterinária o obriga. Oxalá!…

*

Rui de Sousa, já conhecido como bom executante, tocou dois agradáveis arranjos seus.

*

A poesia teve o seu lugar nesta tarde de arte angolana.

Alda Lara e Geraldo Bessa Victor, dois recitadores justamente consagrados na Casa, deram uma lição da arte de dizer; a seu lado, a falta de qualidades declamatórias de António Neto, que também disse versos, mais se salientou. Este senhor, não pôs o mínimo entusiasmo na dicção dos seus versos, que apresentou "de chapa", com uma das mãos no bolso, outra apoiada a uma cadeira. Ora isto não é positivamente uma maneira brilhante de dizer poesia…

Alda Lara disse quatro poemas seus, de que publicamos um, o que agradou mais à assistência.

Voltam a notar-se pequenos defeitos, a par de apreciáveis qualidades: boa sensibilidade poética, notável riqueza de ritmo e sonoridade, óptimas associações como "…as casuarinas a debruar o oceano…", a par de momentos débeis como "tom gritante da paisagem…", "…luta insana…".

No entanto, o tom geral do poema, e o mais que conhecemos de Alda Lara, leva-nos a poder afirmar que, com o tempo, as suas vigorosas possibilidades poéticas acabarão por vencer aquelas indecisões que notámos, e então nós lhe tributaremos, gostosamente, a nossa homenagem completa.

Brevemente publicaremos outro poema seu.

Os versos de Alexandre Dáskalos, de que damos alguns, abonam fortemente em favor do poder de realização poética do seu autor. É difícil, por todos os motivos, criticá-los absolutamente. Esperemos que A. D. se liberte rapidamente dalguns ligeiros defeitos que possui, e passe a escrever só como quando escreve bem.

Geraldo Bessa Victor, um poeta, só disse versos alheios. Ao "Lenhador" de Catulo, a sua mímica imprimiu uma emoção grande, embora essa mímica nos desagrade um pouco em certos pormenores, disse também o inferior soneto "N'gola, flor de bronze…", de Vieira da Cruz, a que só a sua apaixonada interpretação conseguiu dar brilho, e um outro soneto, "…Filho do Bandido", cujo autor não recordamos, e a que nem a apaixonada interpretação de B. V. conseguiu dar brilho.

G. Bessa Victor diz bem, com entusiasmo. Vê-se que ele vive a poesia que diz, mas nem sempre consegue fazê-la viver a quem o ouve. Às vezes baixa demasiadamente a voz, o que impede as pessoas mais distantes de o ouvirem.

Os versos de Alexandre Dáskalos foram lidos por Alda Lara que, embora não tenha posto neles todo o requinte emotivo de que é capaz, nos deu uma boa interpretação.